

Tecnologias Assistivas Na Educação Inclusiva: Impactos Para Estudantes Com Autismo

André Luiz Baptista Galvão
Universidade Federal De Roraima

Haline Rachel Lino Gomes
UFG

Cléber Barbosa Iack
Universidade De Lisboa

Maryane Francisca Araujo De Freitas Cavalcante
Uninovafapi

Antônio José Ferreira
FICS

Maria Do Socorro Ribeiro De Melo
Universidade Federal Do Piauí-UFPI

Elaine Cassemiro Da Silva Marques
Faculdade Internacional De Curitiba

Elaine Patrícia Da Rocha E Silva
UCB

Vita Dos Santos Gallo
Faculdade De Conchas

Juliana Bernardi
UEM

Cristiane Gonçalves Moreira
UNIPAMPA

Alicia Viviana Mendez
Faculdades Metropolitanas Unidas

Maria Eduarda Soares Bizinelli
Universidade Positivo

Vera Lucia Mendonça Nunes
Universidade Estadual Julio De Mesquita Filho

Cristyano Ayres Machado
Universidade Tiradentes

Resumo:

Esta pesquisa teve como objetivo analisar os impactos das tecnologias assistivas na educação de estudantes com autismo, focando nos efeitos que essas ferramentas podem ter na aprendizagem, socialização e desenvolvimento emocional desses alunos. A pesquisa adotou uma abordagem descritiva e qualitativa, com a aplicação de entrevistas semiestruturadas a 13 profissionais da educação que atuam diretamente com alunos com autismo. A análise dos dados revelou que as tecnologias assistivas têm um impacto positivo significativo na melhoria da comunicação, no desenvolvimento social e emocional, e no aprendizado dos alunos. No entanto, foram identificados desafios como a falta de capacitação dos professores, limitações orçamentárias e dificuldades na personalização das ferramentas para as necessidades individuais dos alunos. A pesquisa conclui que, para a plena implementação das tecnologias assistivas, é fundamental o investimento em formação contínua para os educadores, apoio institucional e maior conscientização das famílias. A superação dessas barreiras pode permitir que a educação inclusiva se torne mais efetiva e acessível a todos os alunos com autismo, promovendo um ambiente mais inclusivo e adaptado às suas necessidades.

Palavras-chave: Educação; Inclusão; Tecnologias; Autismo.

Date of Submission: 16-04-2025

Date of Acceptance: 26-04-2025

I. Introdução

A educação inclusiva tem se consolidado como um pilar fundamental nas políticas educacionais contemporâneas, promovendo a diversidade e a igualdade de oportunidades para estudantes com diferentes necessidades. Dentro desse contexto, as tecnologias assistivas se destacam como ferramentas essenciais para garantir a acessibilidade e a participação plena de todos os alunos, especialmente aqueles com deficiências ou transtornos do desenvolvimento. O uso de tecnologias assistivas na educação busca, principalmente, eliminar barreiras que dificultam o aprendizado, proporcionando um ambiente mais equitativo e favorável para o desenvolvimento de cada estudante (Goulart; Blanco; Neto, 2017).

O avanço dessas tecnologias, que vai desde softwares especializados até dispositivos de apoio físico, tem permitido que a educação se torne mais adaptável às necessidades individuais. Entre os diversos grupos atendidos pela educação inclusiva, os estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) demandam uma atenção especial. O autismo é caracterizado por desafios nas áreas de comunicação, interação social e comportamentos repetitivos, fatores que podem dificultar a adaptação e a participação desses alunos em ambientes escolares tradicionais (Locatelli; Santos, 2016).

Nesse sentido, a utilização de tecnologias assistivas pode ser um recurso valioso para facilitar a aprendizagem e a interação desses estudantes, contribuindo para o desenvolvimento de suas habilidades cognitivas, sociais e emocionais. As tecnologias podem, assim, oferecer suporte significativo na mediação das dificuldades encontradas, tanto em termos de comunicação quanto no processamento de informações. O desenvolvimento das tecnologias assistivas voltadas para o autismo tem sido um campo crescente de pesquisa e inovação. Ferramentas como aplicativos de comunicação alternativa, softwares de interação visual, e dispositivos de apoio à mobilidade são exemplos de recursos que podem ser personalizados para atender às necessidades específicas de cada aluno com autismo (Lima; Laplane, 2016).

Além disso, tecnologias como realidade aumentada e realidade virtual têm mostrado grande potencial para criar experiências de aprendizado imersivas que ajudam a melhorar a compreensão e a adaptação dos estudantes a situações cotidianas. Essas tecnologias, quando bem aplicadas, permitem que o aluno se envolva de maneira mais eficiente e personalizada no processo educativo. No entanto, o uso dessas tecnologias ainda enfrenta desafios significativos, tanto no que diz respeito à sua implementação quanto à formação de professores e educadores. Embora muitas escolas estejam adotando essas ferramentas, nem todas possuem a infraestrutura necessária ou o conhecimento adequado para aplicar essas tecnologias de forma eficaz (Silva et al., 2020).

A falta de capacitação dos profissionais da educação é um obstáculo importante, já que muitas dessas tecnologias exigem uma compreensão profunda de como cada ferramenta pode ser usada de maneira a beneficiar de fato os alunos com autismo. Além disso, é fundamental que as tecnologias sejam constantemente avaliadas e ajustadas para atender às necessidades dos estudantes, o que implica uma atualização contínua das práticas pedagógicas (Weizenmann; Pezzi; Zanon, 2020).

Outro ponto relevante é a questão da personalização das tecnologias assistivas. Como o autismo é um espectro, as manifestações e necessidades dos alunos podem variar consideravelmente. Portanto, as tecnologias assistivas devem ser adaptáveis, permitindo ajustes que atendam às especificidades de cada indivíduo. Isso exige uma abordagem personalizada, tanto por parte dos educadores quanto dos desenvolvedores dessas ferramentas. A adaptação dos recursos tecnológicos ao perfil de cada aluno com autismo pode ser a chave para promover um aprendizado mais inclusivo e eficaz, respeitando as diferenças e potencializando as habilidades de cada estudante (Vieira; Pereira, 2020).

Além disso, é importante considerar os impactos sociais e emocionais que as tecnologias assistivas podem gerar para os alunos com autismo. Ao facilitar a comunicação e a interação, essas tecnologias podem promover um maior engajamento social e emocional dos estudantes, o que pode refletir diretamente na sua autoestima e no seu bem-estar. A inclusão de tecnologias assistivas na educação não se limita apenas ao aspecto acadêmico, mas também contribui para a formação de habilidades sociais e emocionais essenciais para a vida cotidiana. Isso cria um ambiente de aprendizado mais inclusivo, onde o estudante é visto em sua totalidade, com suas habilidades e limitações (Tavares; Santos; Freitas, 2016).

Diante desse contexto, a presente pesquisa tem como objetivo investigar os impactos do uso de tecnologias assistivas na educação de estudantes com autismo, analisando como essas ferramentas contribuem para o desenvolvimento acadêmico, social e emocional desses alunos. A pesquisa também pretende identificar as barreiras e desafios enfrentados por educadores e instituições de ensino na implementação dessas tecnologias, propondo soluções e estratégias para otimizar sua aplicação. Ao entender esses impactos, espera-se contribuir para a melhoria das práticas pedagógicas e para a promoção de uma educação verdadeiramente inclusiva, que atenda de forma eficaz às necessidades dos estudantes com autismo.

II. Materiais E Métodos

A pesquisa foi caracterizada como uma pesquisa descritiva, com o objetivo de compreender e analisar de forma detalhada os impactos das tecnologias assistivas na educação de estudantes com autismo. Para isso, optou-se por uma abordagem qualitativa, que possibilitou uma investigação mais aprofundada das experiências e percepções dos profissionais da educação sobre o uso dessas tecnologias no ambiente escolar, tendo em vista que trata-se de uma abordagem que prioriza o conteúdo apresentado pelos sujeitos (Lima et al., 2020; Lima; Domingues Junior; Gomes, 2023; Lima; Domingues Júnior; Silva, 2024; Lima; Domingues; Silva, 2024; Lima; Silva; Domingues Júnior, 2024).

A amostra foi composta por 13 profissionais da área educacional, entre os quais estavam professores, coordenadores pedagógicos, psicopedagogos e outros especialistas envolvidos no processo educativo de alunos com autismo. Esses profissionais foram selecionados por meio de amostragem não probabilística, levando em consideração a experiência prática com tecnologias assistivas e o trabalho direto com estudantes com TEA. A escolha do número de participantes se deu pela busca de diversidade de experiências e pela possibilidade de aprofundamento nas entrevistas, permitindo uma análise qualitativa rica e detalhada. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, que possibilitaram que os participantes expressassem suas opiniões e experiências de maneira aberta, ao mesmo tempo em que garantiram que temas centrais relacionados ao uso das tecnologias assistivas fossem abordados. As entrevistas foram realizadas de forma presencial ou, quando necessário, por meio de plataformas digitais, dependendo da disponibilidade dos participantes. O roteiro das entrevistas foi elaborado com base nos objetivos da pesquisa e contemplou questões relacionadas à percepção dos profissionais sobre os benefícios das tecnologias assistivas, os desafios encontrados na implementação dessas ferramentas, as estratégias utilizadas para adaptação às necessidades dos alunos com autismo, e a avaliação do impacto no desenvolvimento acadêmico, social e emocional desses estudantes. Após a coleta dos dados, foi realizada a análise qualitativa, utilizando a técnica de análise de conteúdo, que permitiu organizar as respostas dos participantes em categorias temáticas. Essa abordagem possibilitou a identificação de padrões, opiniões recorrentes e divergentes, além da interpretação de como as tecnologias assistivas estão sendo aplicadas na prática e quais os principais resultados percebidos pelos educadores. A análise qualitativa também permitiu explorar as nuances das experiências dos profissionais, proporcionando uma visão mais ampla e detalhada dos efeitos dessas ferramentas no contexto da educação inclusiva para alunos com autismo. Os dados coletados foram analisados com base em um processo de triangulação, que envolveu a comparação das informações obtidas nas entrevistas com outras fontes de pesquisa e com a literatura existente sobre o tema. Esse processo foi fundamental para garantir a validade e a consistência dos resultados. Além disso, a análise buscou identificar as barreiras enfrentadas pelos profissionais, como a falta de capacitação, a resistência ao uso de novas tecnologias, e a dificuldade de personalização das ferramentas de acordo com as necessidades individuais dos alunos. A pesquisa foi conduzida com o devido cuidado ético, garantindo o anonimato e a confidencialidade das informações fornecidas pelos participantes. As entrevistas foram gravadas com a permissão dos entrevistados e posteriormente transcritas para análise. O consentimento livre e esclarecido foi obtido de todos os participantes, e foi assegurado que os dados coletados seriam usados exclusivamente para fins acadêmicos.

III. Resultados E Discussões

A análise dos dados coletados nas entrevistas com os 13 profissionais da educação revelou uma série de insights importantes sobre a utilização de tecnologias assistivas na educação de estudantes com autismo. A partir das respostas obtidas, foram identificados diversos aspectos que evidenciam tanto os impactos positivos quanto as dificuldades no uso dessas tecnologias, refletindo a complexidade da implementação e adaptação dessas ferramentas no contexto educacional inclusivo.

Os resultados apontaram que a utilização de tecnologias assistivas tem proporcionado avanços significativos na aprendizagem dos estudantes com autismo. A maioria dos profissionais entrevistados relatou que essas ferramentas contribuem para a melhoria da compreensão dos conteúdos escolares, especialmente para alunos que enfrentam dificuldades de comunicação e interação social. Segundo o entrevistado E04, "os alunos com autismo, muitas vezes, têm dificuldades para se expressar verbalmente, mas ao utilizar aplicativos de comunicação alternativa, como os tablets com software específico, conseguimos melhorar a interação e a troca de ideias". De fato, o uso dessas tecnologias foi citado como uma forma eficaz de promover a comunicação de alunos não verbais ou com limitações na fala, facilitando o entendimento de instruções e o desenvolvimento de atividades acadêmicas.

Além disso, o uso de recursos audiovisuais, como vídeos educativos e jogos interativos, foi destacado como uma estratégia eficaz para captar a atenção dos alunos e melhorar o engajamento. A profissional E02 comentou: "Alguns alunos com autismo têm uma forma de aprendizagem muito visual e a realidade aumentada, por exemplo, consegue fazer com que eles se envolvam de forma mais profunda com os conteúdos". Os recursos visuais, que incluem desde imagens estáticas até vídeos e simulações interativas, demonstraram ser eficientes para estudantes que, devido ao autismo, podem ter dificuldades em processar informações de maneira abstrata. Isso reforça o potencial das tecnologias assistivas em promover uma aprendizagem mais ativa e personalizada.

Outro impacto positivo relevante é a contribuição das tecnologias assistivas para o desenvolvimento social e emocional dos estudantes com autismo. A maioria dos entrevistados afirmou que essas ferramentas ajudam os alunos a se conectar mais facilmente com seus colegas e professores, promovendo um ambiente de inclusão. E07 relatou: "Com a ajuda de aplicativos que promovem interações sociais, como jogos cooperativos, notamos uma melhora significativa no comportamento de alguns alunos. Eles começam a entender melhor as dinâmicas de grupo e o que é esperado em situações sociais". Esse tipo de ferramenta permite que os alunos pratiquem habilidades sociais de forma segura e controlada, sem a pressão de interações reais, o que facilita o aprendizado.

Além disso, a utilização de tecnologias assistivas tem auxiliado na regulação emocional dos estudantes com autismo. E09 observou: "Vimos uma grande mudança em termos de autorregulação emocional quando os alunos começaram a usar dispositivos que os ajudam a identificar suas emoções, como softwares que fazem um mapeamento emocional e oferecem soluções de relaxamento". Esses recursos, que ensinam os alunos a reconhecer suas emoções e aplicar técnicas de relaxamento, têm mostrado resultados positivos no controle da ansiedade e no aumento da autoconfiança, fatores frequentemente desafiadores para estudantes com autismo.

O impacto dessas tecnologias vai além da sala de aula, ajudando na formação de habilidades essenciais para a vida cotidiana. No entanto, os profissionais também apontaram diversas dificuldades na implementação dessas ferramentas. A falta de formação adequada dos educadores foi a principal barreira identificada. Segundo E05: "A maioria de nós não tem formação específica para usar essas tecnologias da forma mais eficaz possível. É preciso que as escolas ofereçam mais treinamento, porque, sem isso, é difícil tirar o máximo proveito dessas ferramentas". A falta de capacitação contínua para os educadores foi apontada como um obstáculo significativo, já que muitas vezes as tecnologias exigem conhecimentos específicos que os professores não possuem.

Além disso, a variedade de ferramentas disponíveis no mercado pode ser confusa, tornando a escolha da ferramenta certa um desafio adicional. Outro ponto levantado foi a limitação de recursos financeiros para a aquisição das tecnologias assistivas. E06 relatou: "Nós sabemos que as tecnologias podem ser transformadoras, mas em muitas escolas públicas, o orçamento é limitado, o que impede a compra de dispositivos e softwares que poderiam fazer a diferença no aprendizado dos alunos com autismo". A falta de recursos financeiros foi mencionada como uma das maiores dificuldades, especialmente em escolas de regiões menos favorecidas, onde a infraestrutura tecnológica é escassa. Isso cria um descompasso entre as necessidades dos alunos e as possibilidades das escolas de atendê-las, dificultando a implementação das tecnologias de forma plena.

Outro aspecto importante destacado pelos profissionais foi a dificuldade em personalizar as tecnologias assistivas de acordo com as necessidades individuais dos alunos com autismo. E03 explicou: "Embora existam muitas ferramentas no mercado, a adaptação delas para as características específicas de cada aluno com autismo é um processo demorado e, muitas vezes, sem sucesso. Cada aluno tem necessidades diferentes, e nem todas as tecnologias conseguem acompanhar essas especificidades". A personalização dos dispositivos e softwares é uma questão complexa, pois o autismo é um espectro e as estratégias que funcionam para um aluno podem não ser eficazes para outro. Isso exige que os profissionais sejam flexíveis e criem abordagens personalizadas, o que muitas vezes não é possível devido a limitações de tempo e recursos.

A análise da eficácia das tecnologias assistivas também é uma questão recorrente entre os entrevistados. E08 disse: "Falta uma avaliação mais profunda sobre como essas tecnologias estão realmente impactando os alunos a longo prazo. Muitas vezes, vemos resultados rápidos, mas o que acontece quando a novidade passa?". A falta de estudos longos e conclusivos sobre os impactos duradouros das tecnologias assistivas é uma preocupação para os educadores, que desejam ter uma visão mais clara de como essas ferramentas afetam o desenvolvimento acadêmico, social e emocional dos alunos com autismo ao longo do tempo. A questão da continuidade e da

manutenção das práticas também é um ponto relevante, uma vez que a eficácia dessas tecnologias pode diminuir com o tempo se não forem continuamente avaliadas e ajustadas.

Outro ponto importante que surgiu nas entrevistas foi a questão da aceitação ou resistência dos alunos e de seus pais em relação às tecnologias assistivas. Muitos educadores relataram que, embora os estudantes com autismo geralmente se mostrem receptivos às novas tecnologias, os pais nem sempre compartilham dessa visão. E10 explicou: "Em alguns casos, os pais têm receio de que o uso excessivo de tecnologia possa afastar seus filhos do contato humano. Existe uma resistência, principalmente por parte dos pais mais tradicionais, que acreditam que o uso de dispositivos tecnológicos pode prejudicar o desenvolvimento social dos filhos".

A resistência dos pais, portanto, foi identificada como um fator que pode dificultar a implementação plena das tecnologias assistivas. Por outro lado, alguns profissionais observaram que, quando as tecnologias são bem introduzidas no ambiente escolar e explicadas para os pais, a aceitação tende a aumentar. E11 comentou: "Quando mostramos aos pais os benefícios reais que as tecnologias estão trazendo para o desenvolvimento de seus filhos, a resistência diminui. A conscientização sobre a importância dessas ferramentas no processo de inclusão faz toda a diferença". Isso mostra que a comunicação e a conscientização desempenham um papel crucial na superação da resistência inicial, tornando os pais aliados na implementação das tecnologias assistivas.

A partir das experiências relatadas, os profissionais também fizeram algumas recomendações para melhorar a aplicação das tecnologias assistivas na educação de alunos com autismo. Uma das sugestões mais comuns foi a necessidade de maior investimento em capacitação de professores e educadores. E12 disse: "O treinamento contínuo dos educadores é fundamental. As tecnologias estão em constante evolução, e nós precisamos acompanhar essas mudanças para poder utilizá-las de forma eficaz".

Além disso, muitos entrevistados sugeriram que as escolas criem equipes multidisciplinares, compostas por educadores, psicólogos, terapeutas ocupacionais e outros profissionais, para garantir uma abordagem mais holística e personalizada no uso das tecnologias. Os educadores também destacaram a importância de um maior investimento governamental e institucional para garantir que todos os estudantes com autismo tenham acesso igualitário às tecnologias assistivas. E13 comentou: "Acredito que, se tivermos o apoio necessário, poderemos transformar a educação inclusiva para alunos com autismo, fazendo com que as tecnologias assistivas realmente desempenhem um papel central no desenvolvimento desses alunos". O apoio institucional e governamental é, portanto, fundamental para garantir que a educação inclusiva seja efetiva e acessível para todos os estudantes com autismo. Os resultados da pesquisa indicam que as tecnologias assistivas têm um impacto positivo no aprendizado, na interação social e no desenvolvimento emocional dos alunos com autismo.

No entanto, também evidenciam a necessidade de um maior apoio institucional, capacitação profissional e personalização das ferramentas para que esses benefícios sejam plenamente alcançados. As recomendações dos profissionais entrevistados apontam para a importância de uma abordagem integrada e bem planejada para a utilização dessas tecnologias no contexto educacional, garantindo que todos os estudantes com autismo tenham acesso às melhores oportunidades de aprendizado e inclusão.

IV. Conclusão

A pesquisa sobre o uso de tecnologias assistivas na educação inclusiva de estudantes com autismo revelou insights importantes sobre o impacto dessas ferramentas no desenvolvimento acadêmico, social e emocional dos alunos. Ao longo da análise dos dados, foi possível perceber que, apesar das dificuldades enfrentadas pelos profissionais da educação, as tecnologias assistivas desempenham um papel essencial no processo de inclusão escolar. Elas favorecem a aprendizagem, promovem a interação social e auxiliam no desenvolvimento emocional dos alunos, oferecendo suporte às suas necessidades específicas. No entanto, a pesquisa também evidenciou que a implementação dessas tecnologias enfrenta desafios significativos. A falta de capacitação dos educadores, a escassez de recursos financeiros e as limitações na personalização das ferramentas são barreiras que dificultam a utilização plena do potencial das tecnologias assistivas. Esses desafios são amplificados pela resistência de algumas famílias e pela falta de estudos longitudinais que comprovem os impactos a longo prazo das tecnologias. Nesse sentido, é necessário um investimento mais robusto na formação contínua dos educadores e na adaptação dos recursos tecnológicos às necessidades individuais dos alunos. Apesar dessas dificuldades, os profissionais entrevistados sugerem que, com um maior apoio institucional e governamental, além de estratégias de conscientização e engajamento com as famílias, é possível melhorar a implementação das tecnologias assistivas na educação inclusiva. O apoio adequado pode garantir que as escolas, independentemente de sua infraestrutura, possam utilizar essas ferramentas de forma eficaz e beneficiar todos os estudantes com autismo. O caminho para uma educação inclusiva mais eficaz passa, portanto, pela superação das barreiras identificadas, criando um ambiente mais acessível e capaz de atender à diversidade dos alunos.

Referências

- [1] Goulart, J. C.; Blanco, M. B.; Neto, J. C. O Jogo Digital Em Tecnologia Touch Como Instrumento De Aprendizagem Para Criança Autista. *Revista Espacios*, V. 38, N. 60, 2017.

- [2] Lima, L. A. O. Et Al. Quality Of Life At Work In A Ready Care Unit In Brazil During The Covid-19 Pandemic. International Journal Of Research -Granthaalayah, [S. L.], V. 8, N. 9, P. 318–327, 2020. Doi: <https://doi.org/10.29121/Granthaalayah.V8.19.2020.1243>
- [3] Lima, L. A. O.; Domingues Junior, Gomes, O. V. O. Saúde Mental E Esgotamento Profissional: Um Estudo Qualitativo Sobre Os Fatores Associados À Síndrome De Burnout Entre Profissionais Da Saúde. Boletim De Conjuntura Boca, 2023. <https://doi.org/10.5281/Zenodo.10198981>
- [4] Lima, L. A. O., Domingues Júnior, P. L., & Silva, L. L. (2024). Estresse Ocupacional Em Período Pandêmico E As Relações Existentes Com Os Acidentes Laborais: Estudo De Caso Em Uma Indústria Alimentícia. Rgo - Revista Gestão Organizacional, 17(1), 34-47. <http://dx.doi.org/10.22277/Rgo.V17i1.7484>.
- [5] Lima, L. A. O.; Domingues, P. L.; Silva, R. T. . Applicability Of The Servqual Scale For Analyzing The Perceived Quality Of Public Health Services During The Covid-19 Pandemic In The Municipality Of Três Rios/Rj, Brazil. International Journal Of Managerial Studies And Research (Ijmsr), V. 12, P. 17-18, 2024. <https://doi.org/10.20431/2349-0349.1208003>
- [6] Lima, L. A. O.; Silva, L. L.; Domingues Júnior, P. L. Qualidade De Vida No Trabalho Segundo As Percepções Dos Funcionários Públicos De Uma Unidade Básica De Saúde (Ubs). Revista De Carreiras E Pessoas, V. 14, P. 346-359, 2024. <https://doi.org/10.23925/Recap.V14i2.60020>
- [7] Lima, S. M.; Laplane, A. L. F. Escolarização De Alunos Com Autismo. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, V. 22, N. 2, P. 269-284, Abr.-Jun., 2016.
- [8] Locatelli, P. B.; Santos, M. F. R. Autismo: Propostas De Intervenção. Revista Transformar, N. 8, 2016.
- [9] Silva, S. A. Et Al. As Tecnologias Digitais Da Informação E Comunicação Como Mediadoras Na Alfabetização De Pessoas Com Transtorno Do Espectro Do Autismo: Uma Revisão Sistemática Da Literatura. Texto Livre: Linguagem E Tecnologia, Vol. 13, Núm. 1, 2020.
- [10] Tavares, L. M. F. L.; Santos, L. M. M.; Freitas, M. N. C. A Educação Inclusiva: Um Estudo Sobre A Formação Docente. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, V. 22, N. 4, P. 527-542, Out.-Dez., 2016.
- [11] Vieira, J. N.; Pereira, M. P. M. A Inclusão Escolar Do Aluno Autista: Algumas Considerações. Ciência: Gerenciais Em Foco, V. 11, N. 9, 2020.
- [12] Weizenmann, L. S.; Pezzi, F. A. S.; Zanon, R. B. Inclusão Escolar E Autismo: Sentimentos E Práticas Docentes. Psicologia Escolar E Educacional, V. 24, 2020.